



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE: DILEMAS E PERSPECTIVAS**

Joaquim Alves da Costa Filho\*

*Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus de Cajazeiras – PB.*

*E-mail: [joaquimfilhogeio@yahoo.com](mailto:joaquimfilhogeio@yahoo.com)*

**RESUMO:** Essa pesquisa analisou e apresentou a partir de uma experiência pessoal os primeiros contatos com a sala de aula, seja na prática do estágio, seja como professor iniciante. O objetivo principal desse texto foi expor as dificuldades encontradas por estagiários e professores nas suas práticas iniciais. Além de ter enfatizado no decorrer do texto os dilemas e fatores que contribuem para a licenciatura ser uma das últimas opções de profissionalização, como também foi abordado a importância que o professor exerce no processo de ensino/aprendizagem, e propostas direcionadas aos programas de estágios das Instituições de Ensino Superior visando preparar melhor os alunos para o estágio e futuramente para a docência, e construir um vínculo intrínseco entre universidade e escola. A metodologia utilizada na execução desse trabalho partiu do método dedutivo, no qual busca explicar o conteúdo através de uma análise do geral para o particular. Quanto aos procedimentos a pesquisa foi dividida em duas etapas: a primeira etapa consistiu num levantamento bibliográfico (livros, revistas, periódicos e na internet), de autores que se dedicam ou se dedicaram a esta temática, com o objetivo de atualizar-se para a fundamentação teórica desse trabalho. Já a segunda etapa apoiou-se em entrevistas e depoimentos com professores que já atuam na educação pública, e com alunos que estavam desenvolvendo o estágio. Mediante o exposto, pode-se inferir que boa parte dos professores iniciantes sentem dificuldade na sala de aula, isso é reflexo do estágio vulnerável que foi realizado (às vezes não chegam a fazê-lo), entre outros fatores.

**Palavras – Chaves:** Ensino, Estágio, Professor, Desafio, Formação.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

É muito comum ouvir estudantes das licenciaturas relatando a ansiedade que sente antes de iniciar o estágio, de poder assumir uma sala de aula repleta de alunos. É algo que todo discente na graduação sente, não só da área de licenciatura. Essa ansiedade se justifica, até porque o aluno da graduação espera normalmente um ano e meio para ir ao primeiro estágio – observação, a partir do terceiro começa o de regência.

Da mesma forma que é frequente os relatos em livros, artigos, vídeos e outros meios de divulgação a ansiedade dos estudantes para ir ao estágio, também é comum deparar com as queixas dos mesmos após o estágio, comentando que o mesmo não foi aquilo que imaginava, não sabe se a partir daquele momento ainda pensa em ser professor, apesar de gostar do curso. Mas ministrar aula não, todos esses relatos são frutos da descoberta feita diante da estrutura física, pedagógica e comportamental dos discentes. Além disso, os estagiários testemunham indisciplina e falta de interesse, sobretudo, dos estudantes. Ao deparar com tal realidade o desânimo em voltar novamente àquele lugar torna-se nítido.

Mesmo se deparando com o cenário desanimador, a quem continue com o pensamento de ser professor, e com perspectivas de que tal realidade se modifique. Até porque as primeiras experiências ocorreram no estágio, esse período de certa forma é curto, apesar do estágio ser em torno de 20 horas. Mesmo assim, o tempo é pequeno, o estagiário só vai uma ou duas vezes a escola, não teve muito tempo de conhecer a turma de perto.

Isso é o que justifica e serve de afago para os sujeitos que almejam atuar no ensino e espera que a realidade encontrada hoje se modifique positivamente. Depois da experiência no estágio, o sujeito conclui o curso e assume uma sala de aula, e, percebe que a maneira dos alunos se comportarem não se modificou da/do estágio. O mesmo professor(a) tenta adotar aquelas metodologias inovadoras, aquele comportamento flexível e de diálogo, entretanto, todas as medidas utilizadas não mostram efeito, a turma continua da mesma forma.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Posto isso, é fundamental desfrutar do momento do estágio e dar o devido valor, pois esse revela em muita das vezes a realidade que o sujeito irá encontrar na sua futura área de trabalho. Nesse sentido, Carvalho (2012) aponta que a formação inicial do futuro professor está diretamente relacionada com a possibilidade de esse profissional inserir-se no ambiente da Escola Pública, além de contribuir para que o estagiário conheça, experimente e vivencie a ampla problemática que o caracteriza, no intuito de suscitar-lhe o desejo permanente de aperfeiçoamento formativo como também a aquisição de prática efetiva do exercício de atividades relacionadas ao ensinar e aprender, considerando as especificidades deste ambiente escolar (CARVALHO, 2012, p. 38).

Portanto, o estágio tem o caráter de apontar a realidade da sua área de atuação, (mas não se pode generalizar), é a partir de tal realidade que o aluno enquanto indivíduo que está se preparando para atuar naquela área, deve refletir e buscar alternativas para contornar tal situação que possa vir a se deparar. E não ficar apenas criticando a prática e as metodologias adotadas pelos professores em exercício, sabe-se que existem muitos professores acomodados, e isso reflete na conduta de seus educandos, mas em outras circunstâncias é a própria falta de interesse dos estudantes.

Destarte isso, esse texto tem como objetivo principal expor as dificuldades encontradas por estagiários e professores nas suas práticas iniciais na atividade docente. E como objetivos específicos: (a) apresentar os dilemas e fatores que contribuem para a licenciatura ser uma das últimas opções de profissionalização escolhida; (b) abordar a importância que o professor exerce no processo de ensino/aprendizagem; (c) apontar propostas direcionadas aos programas de estágio das Instituições de Ensino Superior; (d) Mostrar que o estímulo e a motivação interferem no desempenho do professor, aluno, e conseqüentemente, no rendimento da aula.

Esse trabalho justifica-se mediante uma instigação pessoal em relatar como são as primeiras experiências frente a uma sala de aula. Nesse sentido, foi feito um resgate desde os primeiros contatos via estágio até a experiência como docente “titular”. É nessa perspectiva que esse trabalho se justifica.

### **METODOLOGIA**



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Esse trabalho parte do pressuposto de que a pesquisa se configura como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe” (ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 112). Portanto, a pesquisa se qualifica como um instrumento investigativo, procurando desvendar, denunciar e refletir a respeito de determinadas questões sociais e naturais.

Nesse sentido, para a realização deste trabalho, foi utilizado o método dedutivo, que parte das leis e teorias prenunciando a ocorrência de fenômenos particulares, em conexão descendente, ou seja, com o intuito de explicar o conteúdo das premissas através de uma análise do geral para o particular, assim, foi realizada uma reflexão em torno das experiências iniciais na prática docente, com o intuito de apresentar os desafios e as perspectivas que norteiam o trabalho pedagógico.

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho se dividiram em duas etapas. A primeira etapa consistiu num levantamento bibliográfico (livros, revistas, periódicos e na internet), de autores que dominam a temática, com o objetivo de atualizar-se para a fundamentação teórica sobre o referido trabalho.

A pesquisa bibliográfica detém uma enorme vantagem, pelo fato de permitir ao investigador cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que poderia ser realizado na pesquisa de campo ou experimental, por exemplo. Essa vantagem torna-se particularmente importante, quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL; 2002. P. 45).

A segunda etapa de desenvolvimento da pesquisa se deu por meio de entrevistas com professores que atuam no ensino público básico. A execução das entrevistas partiu de uma necessidade de conhecer e aprofundar a discussão que norteia as primeiras experiências no trabalho docente, buscando entender como foi às primeiras experiências das entrevistadas na sala de aula, desde o estágio até a atuação como professora propriamente dita. Além disso, explorando questões como, quais as metodologias empregadas inicialmente, quais os desafios encontrados *a priori*, e as perspectivas de ambas para o ensino público/básico brasileiro.

A entrevista é um procedimento essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, pelo fato de conseguir revelar informações detalhadas do objeto de pesquisa ao qual está investigando. Nessa perspectiva, Ribeiro (2008, p. 141), considera a entrevista como: “A técnica



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores”.

Em linhas gerais, essa é uma pesquisa de teor qualitativo/qualitativo, porque apresenta descrições de coisas sem atribuição direta de números. O referido estudo é de cunho descritivo, com observação, registros e estabelecimento de correlação entre fatos e fenômenos estudados.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa pesquisa partiu de uma experiência de caso, sou aluno concluinte do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras – PB. Antes de assumir a primeira sala de aula como professor de fato, não como estagiário, já havia realizado os quatro estágios, os dois primeiros de observação e os dois últimos de regência.

Minha experiência no estágio foi interessante, apesar de que no segundo, realizado numa turma de 6º ano, os alunos eram bastante dispersos e desinteressados, *a priori*, mas com o decorrer das aulas do estágio a turma foi melhorando, e ao final do período de exercício prático em sala, a experiência foi significativa. Ao concluir os quatro estágios convidaram-me a trabalhar em uma escola estadual de nível fundamental – Antonio Francisco Duarte. As primeiras aulas não foram tão satisfatórias, sobretudo, a primeira, e, principalmente em uma turma do 6º ano, os alunos em sua maioria rebeldes e extremamente desinteressados. Ao deparar-me com aquele cenário fiquei sem saber o que fazer, após o primeiro contato, comecei a refletir e buscar alternativas, amparadas nas teorias pedagógicas, nas aulas teóricas e nos métodos que deram certo nas aulas práticas do estágio.

Após fazer tal reflexão, percebi que nenhum dos métodos que aprendi na academia, tanto discutido por professores das disciplinas de prática na educação, como as teorias defendidas e presentes nas produções bibliográficas da área de educação seria suficiente para dar conta do total desinteresse, indisciplina e falta de respeito dos alunos da referida escola perante os próprios colegas, professores e demais funcionários da instituição.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Passavam as aulas semanais e o comportamento da turma do 6º ano B, continuava a mesma, a turma não mostrava indícios que iria melhorar. Tenho quatro (4), aulas semanalmente, divididas em dois dias, cada aula tem duração de quarenta (40) minutos, sendo elas seguidas, nesse sentido, oitenta (80) minutos. Posto o tempo total de aula, passava maior parte pedindo silêncio e separando brigas, principalmente. O tempo que restava para trabalhar os conteúdos era pouquíssimo, conseqüentemente o rendimento da aula era muito baixo.

Destarte todo aquele cenário de indisciplina e de desrespeito com o próximo, pensei em conversar com a gestora da instituição para pedi-la que me remanejasse para outra turma, porque via que meus métodos e didática de trabalho não estavam resultando em melhoras no comportamento da turma. Entretanto, refleti novamente e cheguei à conclusão que iria continuar com a turma, e iria procurar e estudar várias outras maneiras de minimizar aquele comportamento vigente e tentar melhorar o rendimento da turma.

Pois desisti de um desafio não é a maneira mais adequada de resolver os problemas, pelo contrário, o sujeito fica com a sensação que fracassou, não teve forças e artifícios para contornar tal realidade presente, e conseqüentemente obter êxito ao fim da jornada.

Após dois meses tentando organizar e se entender com a turma, consegui melhorar minha relação com os alunos, a turma não mudou totalmente, até porque a mudança é um processo que requer tempo para se materializar com total eficácia, mas se comparar a postura dos alunos no início de junho, quando comecei a trabalhar na escola, a relação professor/aluno melhorou bastante.

Ser professor iniciante representa um grande desafio, mas é preciso ter em mente que quando o sujeito decidiu partir para a área de licenciatura já conhecia os problemas internos da escola - problema cultural que vem desde a constituição do Brasil enquanto nação independente. O que devemos fazer é encarar os desafios e traçar metas e objetivos buscando dar nossa contribuição para melhorar a conduta dos alunos e promover um ensino/aprendizagem significativo. Nessa perspectiva, Ferreira (2011, p. 63), afirma:

Ser professor iniciante significa um enorme desafio a cada dia e exige uma nova postura perante a sociedade. A prática docente requer grande esforço para se concretizar de forma próspera, tanto pessoal quanto profissionalmente, mas estar à frente da educação de um país é uma honra e ao mesmo tempo uma responsabilidade gigante, a qual deve ser mais valorizada (FERREIRA, 2011, p. 63).



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Todo aluno que está na graduação a maior expectativa é para ir ao estágio, antes de ir à prática existe as aulas teóricas do estágio, com o professor da disciplina de estágio da instituição de nível superior. Nessas aulas, inicialmente, é comum do professor apresentar textos a respeito do surgimento do estágio, a reorganização da educação no decorrer do tempo, a formação do professor, entre outros. A partir disso, o professor abre discussões com a turma e passa a apresentar formas metodológicas e didáticas de como o estagiário deve proceder no seu exercício prático.

Além disso, há aqueles docentes que procuram preparar seus orientandos para atividade do estágio por meio de seminários, na visão deles isso é suficiente para preparar o aluno para a realidade existente no estágio. Sabe-se que o seminário se configura como uma técnica riquíssima de aprendizagem, e permite ao educando desenvolver sua capacidade de pesquisa, de produção de conhecimento, de comunicação, de organização e fundamentação de ideias, de elaboração de relatório de pesquisa, de forma coletiva (MASETTO, 2010 p.111).

Até mesmo como forma de diminuir a timidez, para aqueles alunos que não gostam de falar em ambientes com muitas pessoas, e aperfeiçoa a oralidade, comunicação. Isso ajuda a preparar o aluno para o estágio sim, contudo, isso não garante que o aluno que apresenta uma aula na universidade muito bem terá o mesmo desempenho com discentes no ensino básico, isso porque, são realidades distintas.

Na universidade o aluno em formação ao se apresentar tem o acompanhamento do professor, que após a apresentação avalia-o e emite sugestões para aperfeiçoar sua prática, além disso, conta com a colaboração da sua turma. Na escola o estagiário e professor não detêm desses subsídios. No caso do estagiário como regente ele chega à sala de aula e o professor da disciplina que deveria acompanhar seu desempenho para posteriormente avalia-lo entrega os materiais e “desaparece”, concebendo o estagiário como professor substituto. E o professor iniciante precisa estar preparado para o exercício na sala de aula, com metodologias diversas e flexíveis, além de uma boa didática. Ambos os sujeitos tendem a encontrar dificuldades com alunos indisciplinados e desinteressados, e que algumas das vezes encontram turmas que resistem por um tempo à sua presença.

Nesse sentido, o estagiário leva maior vantagem que o professor em atuação, porque o primeiro está na fase de aperfeiçoamento da prática, além disso, detêm de tempo para analisar seu desempenho no estágio, podendo aperfeiçoá-lo e corrigir o que não deu certo com a orientação do



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor do estágio. Já o professor em ação encontra-se, teoricamente, sozinho, o mesmo tem que parar para fazer uma reflexão da sua atuação e refletir se está conseguindo contemplar os objetivos propostos anteriormente, e se sua metodologia e didática estão causando efeito positivo.

Portanto, há uma diferença de atuação da academia para o ensino básico. Nesse sentido, é necessário que as diretrizes curriculares da educação, em conjunto com centros de formação de professores repensem a forma de preparar os discentes para a atuação na escola, visto que os resultados que tem se apresentado em encontros de educação, relatos em textos, documentários e outros meios não é animador. Em vista disso, Anália Frances<sup>1</sup>, argumenta que:

“Definitivamente os cursos de licenciaturas não estão preparando os seus alunos para a prática que os aguarda. Na prática os desafios esperados se multiplicam, e o processo de escolarização não depende unicamente do professor como costuma ser colocado. Há muitos fatores envolvidos, que nem se quer são enquadrados no modelo educacional proposto e utilizado nas nossas escolas” (Em entrevista concedida ao pesquisador em agosto de 2015).

É comum ouvir relatos de estagiários e professores que se impactaram com a situação da escola e dos alunos no ato da regência e ao assumir uma sala de aula. Apesar de já termos consciência de como é a realidade do ensino brasileiro, sobretudo, o ensino de nível básico público. Os relatos que costumamos ouvir, assistir e ler são desse tipo:

“Foi meu primeiro dia de estágio como regência, ao chegar à escola deparei com alunos gritando, pulando, empurrando uns aos outros. A partir daquele momento já fiquei um pouco tensa, e a coisa piorou quando me encontrei com o professor que ia estagiar, e ele me falou que um aluno tinha quebrado o braço de um colega, isso na sala que ia estagiar, ao ouvir aquela notícia fiquei extremamente amedrontada, sem saber o que fazer” (Depoimento prestado por uma colega de turma do curso de Geografia. Tal episódio aconteceu durante a vigência do segundo estágio, em 2014. O depoimento foi prestado ao pesquisador em setembro de 2015).

O depoimento acima retrata parte da realidade que a escola brasileira de nível básico ainda passa, e que é testemunhada por estagiários quando estão realizando seus exercícios práticos dos seus cursos. Tal realidade já é de conhecimento, muito antes de ir ao estágio, pois o que não falta é notícias denunciando o comportamento de alunos, a precariedade de certas escolas e até mesmo as observações que o próprio sujeito evidencia na sua cidade, bairro ou distrito. Contudo, o entusiasmo é tão elevado que o estagiário esquece os problemas internos da escola, entretanto, quando chega à escola depara com uma realidade gritante, como ressaltou o depoimento acima.

---

<sup>1</sup> Professora de Ciências da Escola estadual da Paraíba – Antonio Francisco Duarte.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Um dos fatores que contribui para que o aluno estagiário se surpreenda e tenha dificuldade de lidar com a realidade encontrada na escola pública é a distância existente entre a academia e a educação básica. Visto que a universidade é um local que dispõem de elementos, equipamentos e uma melhor estrutura para exercer as atividades, na outra vertente encontra-se a escola, onde a estrutura física e educacional é muita das vezes precária.

Um dos fatores que pode contribuir para minimizar esse choque de realidade é uma aproximação entre universidade e escola, isto é, construir uma relação intrínseca entre esses dois níveis de ensino, levando o aluno universitário a conviver desde os primeiros períodos da graduação com o ambiente escolar, além disso, observar e auxiliar o(s) professores no planejamento, nos métodos, didáticas e execução das aulas. Esse seria um meio que poderia ajudar a melhor preparar o aluno para o estágio e para a futura prática docente.

Além disso, essa prática estimula o aluno em formação acadêmica a construir uma visão mais ampla da realidade da educação básica e do ambiente (teoricamente), no qual vai se inserir futuramente. Com isso, o discente a partir das observações tenderá a formar uma opinião e visão crítica da educação, mas levando em conta todos os aspectos, positivo e negativo, visando contribuir para a melhoria da escola e do ensino/aprendizagem, e não reter-se apenas em criticar a escola, e as metodologias dos professores ao fim do estágio. Nesse sentido, Pontuschka (1991), afirma:

Há licenciandos que têm dificuldade em analisar seriamente o espaço da sala de aula e da escola no seu todo e veem somente os defeitos e, muitas vezes, pouco colaboram com o professor da classe na compreensão do ensino da disciplina. Isso realmente é mais um problema para o professor já desgastado pelo descaso com que a escola pública vem sendo vista [...] (PONTUSCHKA, 1991, p. 123).

Portanto, devemos ter uma sensibilidade ao analisar as circunstâncias que se encontra uma dada escola, como também a atuação do professor na escola, porque às vezes aquela instituição está numa situação crítica ou um professor(a) trabalha se amparando a métodos tradicionais, não quer dizer que seja por que querem, mas que a situação obriga.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ser professor não é tarefa fácil, principalmente no ensino básico, onde o docente muitas vezes trabalha em escolas com estrutura caótica, sobretudo, em termos de equipamentos para dar aula. Além disso, há também o problema de indisciplina por parte dos alunos, alta carga horária e remuneração baixa, o que leva muitos professores a trabalhar em mais de uma instituição. Esses são alguns dos fatores que corroboram para que a licenciatura não seja vista como uma área tão atrativa pelos jovens, além do mais isso estimula a desistência de professores em atuar na área. A seguir um depoimento de uma professora que desistiu do magistério após oito (8) anos por um desses motivos:

“Larguei quando vi que não tinha mais paciência para ensinar. Acho mesmo que não tinha vocação. Mas o que me estimulou a largar depois de oito anos de trabalho, além da indisciplina dos alunos, foi à tristeza que era o ambiente de trabalho, um clima ruim, pesado, desmotivante, com muita briga e fofoca. Não sei explicar, o fato é que eu não me sentia bem na escola, não era um ambiente leve, desses que a gente nem percebe a hora passar; pelo contrário, contava cada minuto pra ir embora. Parecia que nada era pensado antes, programado. As coisas aconteciam meio que no improviso. Sem contar na feiura da escola, cinzenta, apagada, suja. Não sei se teria largado se a situação fosse outra” (relato extraído do trabalho de LEMOS, 2009, p. 131).

O fragmento acima retrata o descontentamento de uma professora da educação básica do estado de São Paulo, que fadada da indisciplina dos alunos e também da estrutura física da escola acabou por abandonar a carreira do magistério. Contudo, não devemos ver a educação apenas por essa óptica, temos que observar e enxergar o ensino como um objeto dinâmico e passível de mudanças no decorrer do tempo, e isso tem acontecido, se fizermos uma comparação da educação pública brasileira de quatro décadas atrás, vamos perceber que muita coisa melhorou, mas ainda precisa se fazer muita coisa para chegar aos objetivos que o estado exige das escolas e professores.

Além disso, o depoimento da professora acima dá a entender que ela não gostava de trabalhar na educação lecionando, estava naquele posto por necessidade e obrigação. A mesma até se expressa afirmando “que não tinha vocação [...], contava cada minuto para ir embora [...]”. Profissionais desse tipo não ajudam a evoluir a educação, pelo contrário estimula seu decréscimo, e ainda ocupa uma vaga que poderia/pode ser preenchida por um profissional empenhado com o progresso da educação, estimulando e inspirando os educandos, já que o um dos grandes problemas encontrados na educação contemporânea é o desinteresse por parte dessa categoria de sujeitos.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse sentido é importante que haja esse estímulo dos docentes direcionado aos educandos, para que assim o processo de ensino/aprendizagem seja efetivado de forma significativa, como afirma Fita (1999) ao declarar que muitas das vezes falamos para o estudante que ter motivação em aula é preciso ter um bom professor. Há também quem diga que um bom professor é aquele que sabe motivar seu discente.

Portanto, é necessário que tenhamos a sensibilidade e o cuidado de analisar os objetos como um todo, e não de forma fragmentada, porque todo objeto possui duas facetas, se hesitamos de analisar uma delas, corremos o risco de cometer uma injustiça com o objeto e os agentes envolvidos em tal processo.

### CONCLUSÕES

O panorama traçado aqui visou analisar e apresentar as dificuldades encontradas por estagiários e professores nos contatos iniciais na sala de aula. Essa análise partiu de uma experiência de caso, e visou contribuir para a compreensão da atuação inicial de estagiários e professores no ensino público de nível básico.

Mediante o exposto, é pertinente inferir que a profissão docente não é tarefa fácil, não é uma ação simples onde qualquer indivíduo pode executar, como muitas pessoas pensam, é um exercício árduo que requer paciência, atenção e principalmente compromisso. Nesse sentido, é importante que o indivíduo tenha consciência disso, e encare a educação e o ato de ensinar com o objetivo de contribuir para a sua melhoria, e isso deve começar pelo estágio.

A minha experiência inicial como professor foi um pouco difícil, como relatei anteriormente, contudo, foi melhorando a partir de reflexões, mudanças e estudos de como trabalhar, se direcionar e intervir perante os alunos. Os sucessos e as adversidades que tenho enfrentado nessa carreira ainda curta no ensino, tem me proporcionado reflexões próprias e comuns que muitos docentes enfrentaram ou enfrentarão na hora de se deparar com a responsabilidade diante de uma sala de aula. Contudo o aprendizado que recebemos é gratificante. Esse é um trabalho



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que vem a contribuir para análise e compreensão de trabalhos futuros que abordem a prática inicial e continuada dos professores na educação básica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A. M. F. Tucci de. **Influências e Desafios da Prática: O Estágio Supervisionado em Matemática.** Práticas e reflexões de metodologias de ensino e pesquisa do projeto PRODOCÊNCIA da UEL/ organizadora: Adriana Regina de Jesus Santos et al. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. 596 p. ISBN 978-85-7846-167-6. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/LIVRO%20IMPRESSO%2001-2012%20-%20PRODOCENCIA.pdf>>. Acesso em: 08 set./2015.

FERREIRA, F. Beatriz. **Primeira Experiência em Sala de Aula como Professora de Geografia: Superando Expectativas Ruins.** Revista Ensino de Geografia. Uberlândia, v. 2, p. 63-67, jan./jun. 2011. ISSN 2179-4510. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/rel%20exp%201%20REG%20v2n2.pdf>>. Acesso em: 04 set./2015.

FITA, E. C. **O Professor e a motivação dos alunos.** In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 65-135.

GIL, A. Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4<sup>o</sup> edição. Ed. Atlas S. A. São Paulo, 2002.

LEMOS, J. C. Galvão. **Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC – SP. São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/tese\\_jose\\_lemos.pdf](http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/tese_jose_lemos.pdf)>. Acesso em: 07 set./2015.

MASETTO, M. Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** Summus Editorial. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.gruposummus.com.br/indice/10641.pdf>>. Acesso em: 08 set./2015.

PONTUSCHKA, N. Nacib. **A formação inicial do professor de Geografia.** In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al., A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas: Papirus, 1991, pp. 100-124.

RIBEIRO, E. Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa.** Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p. 129-148, maio de 2008.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ROSA, M. V. F. P. de. ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 112 p.